

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque (em vermelho): Matérias que citam o ministro Wellington Moreira Franco ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Bolsonaro e a galinha pintadinha	2
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	4
Título: Nova turbulência global	4
Título: Troquinho.....	5
Título: São Paulo puxou a indústria para baixo.....	6
Título: Votorantim, Pátria e Squadra avaliam participar do leilão de usinas da Cesp	7
Título: Figura oculta	8
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	10
Título: Privatizar estatais, mas com ressalvas.....	10
Título: Preço do etanol pula de R\$ 3,09 para R\$ 3,49.....	12

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data:** 12/10/2018**Seção:** Colunas**Autor:** Reinaldo Azevedo**Título:** Bolsonaro e a galinha pintadinha

Candidato do PSL recorre ao galinheiro para expor metafísica do estatismo brasileiro

Jornalista, autor de "O País dos Petralhas" I e II

Essa personagem misteriosa chamada "Uzmercádus" ficou meio desenxabida na quarta. As ações da Eletrobras despencaram; as da Petrobras tiveram um tombo razoável, e a Bolsa toda ficou com um certo gosto de cabo de guarda-chuva na boca — ou, sei lá, de coturno velho, para lembrar o maior criador de estatais da história, depois de Xerxes: Ernesto Geisel.

Numa entrevista à Band, o presidenciável Jair Bolsonaro (PSL), meu novo Apedeuta, explicou por que é contra a privatização da área de geração de energia, admitindo-a apenas na distribuição, que já se tem hoje. Em matéria de futuro, também nessa área, o "mito" nos promete o passado.

Com o propósito de ser didático, o candidato resolveu nos brindar com uma metáfora, um recurso a que as pessoas de pensamento complexo apelam às vezes para se fazer entender pelos simples de espírito. Disse: "Suponha que você tem um galinheiro no fundo da sua casa e viva dele. Quando privatiza, você não tem a garantia de comer um ovo cozido. Nós vamos deixar a energia nas mãos de terceiros?"

Dá para entender por que os primeiros a se deixar seduzir pela retórica de Bolsonaro foram os universitários e os mais ricos. O que faltava a esse público era entender o fundamento civilizacional do estatismo. Muitos já conheciam o ácido desoxirribonucleico, as funções continuamente deriváveis e o Gato de Schrödinger. Mas não entendiam a razão de ser de uma estatal dita estratégica, o que pode ser angustiante a um médico, matemático ou físico.

Agora está claro. A Eletrobras é o galinheiro. A água é a galinha. E a energia é o ovo. Logo, se você tem um ovo, não fica no escuro. Tá ok? Foi nas asas dessa "Zoologia do Espírito" que o Brasil criou um dos maiores Estados-empresários da Terra, também notável por sua ineficiência. E pelos espasmódicos voos de galinha.

Os que se diz em liberais e escolheram Jair Bolsonaro desde a primeira hora devem tê-lo feito, suspeito, encantados com a segurança dos ovos da galinha pintadinha.

Na entrevista, também restou a suspeita de que o candidato "duzmercádus" vai interferir no preço dos combustíveis. Disse: "Cada litro refinado de diesel custa 90 centavos, não sei se é verdade. E depois a Petrobras bota 150% de margem de lucro e revende, aí vai para o Brasil, você bota em média 30% do ICMS. Ninguém aguenta. Você tem que diminuir a carga tributária". Como? Reforma tributária para sustentar supostos 150% de margem de lucro para a Petrobras??? Fosse assim, o tráfico de drogas preferiria refinar petróleo a cocaína.

O deputado Onyx Lorenzoni (DEM-RS), o enviado especial de Bolsonaro ao mundo da política, contribuiu para o tombo na Bolsa. Repudiou a possibilidade de se votar a reforma da Previdência ainda neste ano — e, com efeito, seria impossível —, mas o fez com a humilde serenidade que caracteriza o momento. Segundo disse, "a proposta de Temer é uma porcaria". Os mais maduros se lembram da empáfia de João Santana, aquele que Collor havia escalado, numa fusão de vários ministérios — certos temas são recorrentes em nosso galinheiro político-existencial —, para comandar revolução moral e cívica.

Bolsonaro prometeu ainda o pagamento de 13o para o Bolsa Família, que ganharia o prefixo superlativo "super" antes de mudar de nome — como Lula fez, em outubro de 2003, com os programas sociais herdados de FHC. Quem haverá de ser contra a que se dê um pouco mais de dinheiro aos pobres? Eu não sou!

A minha restrição é outra. O candidato afirmou que parte dos recursos sairá do combate a fraudes no sistema. Ele não tem base empírica nenhuma para fazer essa afirmação. Promete recorrerão Tesouro para ganhar votos. Bolsonaro é, em muitos aspectos, de fato, um reacionário, transitando entre o geiselismo e o petismo, tão parecidos no entendimento do que seja o Estado.

É só o começo. Notem o festival de adesões de políticos ao "capitão" em contraste com a "neutralidade" de seus respectivos partidos, o que, no momento, é conveniente para o candidato e para as legendas. Ele não fica com cara de "velha política" e elas aguardam, sentadinhas, na namoradeira. O Netflix que se cuide! A TV Câmara, a partir de 2019, promete. Há potencial até para a versão "XXX". Para assinantes.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 12/10/2018****Seção: Colunas****Autor: Celso Ming****Título: Nova turbulência global**

Nos últimos dias, o mercado financeiro mundial enfrentou novas turbulências que afugentaram os investidores das aplicações de risco e os levaram a procurar segurança. A Bolsa de Nova York mergulhou 5,2%; a de Londres, 3,2%; a de Frankfurt 3,7%; e a de Xangai, 5,1% (veja o gráfico). Desta vez, não há um fato único que tenha colocado os mercados na defensiva. O mau humor se espalhou de repente, aparentemente porque já subsistia um campo minado por incertezas. A atividade produtiva mundial perdeu força. O Fundo Monetário Internacional acaba de publicar um informe em que adverte para uma redução do crescimento econômico global tanto neste 2018 como em 2019. A guerra comercial entre Estados Unidos e China tende a acirrar-se. O presidente Donald Trump voltou a ameaçar o governo de Pequim com novas retaliações comerciais e a China insiste em que não deixará de revidar. E tem a puxada dos juros nos Estados Unidos.

Até há algumas semanas, tinha-se como certo que o Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) não abandonaria o gradualismo no ajuste de sua política. No entanto, agora está claro que haverá neste ano uma alta além das já previstas e que o projeto para 2019 será de novos endurecimentos destinados a atacar incipientes focos de inflação. A questão não é meramente técnica, porque o presidente Trump voltou a fazer pressão sobre o comando da política monetária: “O Fed enlouqueceu”, disse na quarta-feira. E fez acusações de “excesso de rigidez”. Os mercados preferem uma política monetária mais frouxa. Com dinheiro mais fácil a circular na economia, os negócios ficam mais azeitados, o consumo se aquece e a atividade produtiva melhora graças à expansão do crédito.

O problema aí é que a economia mundial – e não apenas a dos Estados Unidos – parece excessivamente dependente de farta distribuição de dinheiro pelos grandes bancos centrais. Por enquanto isso continua sendo possível porque a inflação das economias mais fortes continua muito baixa, graças à oferta de produtos industrializados cada vez mais baratos provenientes da China e demais tigres asiáticos; e ao crescente emprego de tecnologias digitais, que vêm reduzindo drasticamente os custos de produção. Mas os fatores que vêm derrubando o custo de vida estão sob ameaça. A guerra comercial tende a reduzir o fluxo de mercadorias provenientes de economias de baixo custo; a nova onda protecionista também puxa os preços para cima; e a redução de

custos pelo emprego de tecnologia da informação pode ter atingido seus primeiros limites.

E não dá para desprezar a nova onda de elevação dos preços da energia pela alta recente do petróleo e seus derivados (veja o Confira). Se por esses motivos e eventualmente por outros a inflação mundial voltar a mostrar a cara, os bancos centrais não terão outra opção senão cortar a razão de moeda para os mercados. Ou seja, terão de puxar os juros para cima. Além das incertezas produzidas pelas eleições e pela troca de governo, o Brasil poderá ter de enfrentar também essa virada da maré global que, até recentemente, se mantinha bastante favorável.

Montanha russa

Os preços internacionais do petróleo também estão sob impacto. Há duas semanas, as cotações do tipo Brent saltavam para a faixa dos US\$ 85 por barril de 159 litros, em consequência da quebra de produção do Irã e da Venezuela. Alguns analistas chegaram a se perguntar quando os preços passariam aos US\$ 100 por barril. Mas, de repente, os ventos viraram. Passaram a prevalecer fatores baixistas, especialmente a perspectiva de queda da atividade econômica global e o alto nível dos estoques

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 12/10/2018

Seção: Colunas

Autor: Sonia Racy

Título: Troquinho

Direto da fonte

Depois de ver suas ações caírem 9% nesta semana, após as declarações de Jair Bolsonaro – no mês elas ainda mantêm 30% de alta –, a Eletrobrás enfrenta decisão importante dia 24 de outubro, quando o STJ volta a julgar a correção dos empréstimos compulsórios, que foram embutidos nas contas de luz das indústrias até 1993. A intenção era a de o governo devolver os valores em 20 anos, com correção integral somada a juros de 6% ao ano. A estatal, entretanto, defende não pagar a taxa de juros. A conta chega a aproximadamente R\$ 20 bilhões.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 12/10/2018****Seção: Economia****Autor:****Título: São Paulo puxou a indústria para baixo**

Responsável por um terço da produção industrial brasileira, o Estado de São Paulo registrou queda de 0,9% da produção entre julho e agosto, provocando recuo de 0,3% da indústria brasileira no período. O mau resultado foi influenciado pelo setor de derivados de petróleo e biocombustíveis, afetado pela interrupção das atividades da Refinaria de Paulínia (Replan), que responde por cerca de 20% do refino brasileiro e foi atingida por um incêndio. São Paulo teve a “maior influência negativa sobre o total nacional”, notou o analista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Bernardo Almeida.

Foi o segundo mês consecutivo de queda da produção paulista, que havia recuado 1,2% entre junho e julho. Não fossem os resultados de São Paulo, o desempenho da indústria nacional teria sido melhor. Dos 15 locais analisados pela Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional, do IBGE, 9 apresentaram dados positivos e 6 registraram quedas. Outras regiões com indústria forte também apresentaram perdas, como Rio de Janeiro (-0,3%) e Santa Catarina (-0,7%). Os avanços da indústria de Minas Gerais (+0,5%) e do Paraná (+0,7%) apenas atenuaram as quedas. Segundo o IBGE, passou o efeito negativo da greve dos transportadores, mas a paralisação afetou as expectativas.

As decisões sobre investimento e aumento da produção se tornaram “mais cautelosas”. A definição da política econômica do novo governo, no final deste mês, deverá permitir uma redução das incertezas. Na comparação entre os primeiros oito meses de 2017 e de 2018, destacou-se o crescimento da indústria nos Estados do Amazonas, Pará, Pernambuco, Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Todos avançaram acima da média nacional, de 2,5% no período.

Os resultados mais positivos vieram da produção de bens de capital, mas também de bens intermediários e bens de consumo durável. Trata-se de uma recuperação lenta da atividade industrial, que dependerá do Sudeste para se consolidar. Essa hipótese será mais viável com a retomada da indústria paulista, mas esta também mostra pouco dinamismo em ramos como alimentos, vestuário, produtos de limpeza e bebidas, que refletem o consumo de massa.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 12/10/2018****Seção: Economia****Autor: Renée Pereira Mônica Scaramuzzo****Título: Votorantim, Pátria e Squadra avaliam participar do leilão de usinas da Cesp**

Cautela. Incertezas em relação ao ambiente político e o risco de adiamento ainda deixam investidores em dúvida sobre participar do processo de privatização da estatal de energia; mudanças regulatórias e intervenção do governo também afugentam interessados

O grupo Votorantim e as gestoras de investimentos Pátria e Squadra avaliam disputar o leilão de privatização da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), marcado para semana que vem, apurou o 'Estado'. A venda será feita por meio de uma oferta pública de aquisição, com preço mínimo de R\$ 14,30 por ação – valor menor que o previsto inicialmente, de R\$ 16,80. No total, o governo de São Paulo vai embolsar R\$ 1,5 bilhão e a União, algo em torno de R\$ 1,3 bilhão de outorga. Várias companhias acessaram o data room (espaço virtual com informações sobre a empresa) para avaliar os números da Cesp, mas muitas delas desistiram do leilão ou estão menos ativas no processo. A lista de companhias que já analisaram a estatal paulista inclui a gestora Vinci Partner, Engie e China Three Gorges (CTG) – empresa que comprou Ilha Solteira e Jupiá da Cesp. Restaram as três que ainda avaliam participar do processo, mas não bateram o martelo.

O ambiente político é a principal questão na mesa, segundo fontes ouvidas pelo Estado. Interessados argumentam que a instabilidade criada no setor elétrico com as mudanças regulatórias feitas pela ex-presidente Dilma Rousseff (PT) inibe investimentos. Aliada a isso, a recente declaração do candidato Jair Bolsonaro (PSL) de que a Eletrobrás é considerada estratégica também assustou potenciais investidores, que temem intervenções no setor. Uma das interessadas no leilão é a divisão de energia do grupo Votorantim, que tem como parceira o fundo de pensão canadense Canada Pension Plan Investment Board (CPPIB). A companhia considera que os ativos da Cesp fazem sentido ao negócio, mas a decisão final será tomada semana que vem. Com parte de seus investimentos voltados em infraestrutura, o Pátria também analisa os ativos da Cesp. O fundo tem olhado infraestrutura, como concessões de rodovias e ativos no setor elétrico.

A Squadra ainda não teria conseguido levantar os recursos e estaria estruturando um grupo para participar do leilão, disseram fontes. Segundo especialistas, que preferem não se identificar, alguns investidores desistiram da

Cesp por causa da preocupação com esqueletos que possam existir na empresa e que estejam subdimensionados – o saldo de ações judiciais da elétrica é da ordem de R\$ 10 bilhões, segundo o balanço da companhia. Há ainda a questão do risco regulatório, que tem causado um rombo bilionário no setor elétrico, e também na Cesp. Segundo fontes, esse seria um dos fatores que estariam afastando a chinesa CTG da disputa. Procurados, Pátria e Votorantim não comentam. Já a Squadra não retornou os pedidos de entrevista.

Condições. Marcado inicialmente para 2 de outubro, o leilão de privatização da Cesp foi adiado por causa de uma decisão judicial às vésperas da disputa. Embora não descarte novas liminares, o secretário da Fazenda de São Paulo, Luiz Claudio Rodrigues de Carvalho, diz que o certame está garantido para sexta-feira que vem, apesar da turbulência política que tem atrapalhado decisões de investidores. “Do ponto de vista de Estado, as condições não mudaram. A venda da empresa está sendo estudada desde 2006 e está madura.” Ele afirmou que, por ora, não dá para avaliar o resultado da disputa e se os interessados vão efetivamente apresentar propostas. “Medimos o interesse pela busca de informações das empresas, mas só saberemos o resultado na sexta-feira.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 12/10/2018

Seção: Colunas

Autor: Elena Landau

Título: Figura oculta

Hoje é Dia das Crianças. Há exatamente cinco anos, nesse dia, Dilma enriqueceu o anedotário nacional com uma de suas inesquecíveis pérolas: “Sempre que você olha uma criança há sempre uma figura oculta, que é um cachorro atrás”. E completou “O que é algo muito importante”. A ex-presidente nos deixou muitas heranças, afora sua grande contribuição para o anedotário político. Além da crise fiscal e do desemprego recorde, Dilma, supostamente uma especialista em energia, se empenhou pessoalmente na implementação da Medida Provisória 579, de 11 de setembro de 2012, que levou ao desmonte do setor elétrico. Foi a mais nefasta interferência do governo no setor da nossa história. Ela nos legou uma Eletrobrás quase falida ao derrubar as receitas da estatal, elevação das tarifas, riscos regulatórios altíssimos e judicialização que interfere nas transações comerciais. Os aumentos de tarifas deste ano, muito acima da inflação, acenderem finalmente o sinal de alerta para os problemas do setor elétrico.

O consumidor, em geral, não sabe como se forma exatamente o valor que aparece na cobrança, por isso, tende a colocar toda a culpa na sua distribuidora de energia. Ele não sabe, por exemplo, que 2/3 do que paga são decorrentes de encargos (que carregam os custos de subsídios e as ineficiências decorrentes da desastrosa MP), tributos e da compra de energia. A distribuidora é mera repassadora desses custos. Ele também não sabe que está consumindo uma energia mais cara porque o governo em vez de fazer uma campanha incentivando o uso eficiente de energia, prefere colocar para operar térmicas caríssimas e disfarçar problemas de oferta. O trauma político decorrente do racionamento de 2001 interditou qualquer iniciativa de redução no consumo, mesmo que seja através de uma campanha esclarecedora.

Ao usuário do serviço não é dada muita escolha. Ele não tem como administrar sua conta porque no Brasil estamos muito atrasados em relação ao resto do mundo em utilizar tecnologia e regulação que permita saber quanto gasta e consome ao longo do dia. Ele só tem certeza de uma coisa: está pagando caro demais. As regras do setor elétrico estão velhas, ultrapassadas e não dão conta das mudanças que vêm afetando a produção, distribuição e consumo em todo o mundo. Nosso modelo não se preocupa com preços, mas apenas em colocar à disposição energia a qualquer custo. Nunca deu prioridade à eficiência. O órgão regulador assiste passivamente a esse descalabro como mero ratificador das más ideias que saem da cabeça de políticos de passagem pelo Executivo.

Competição é tudo que o setor elétrico precisa no momento. É necessário eliminar a herança maldita da MP 579, aumentar a participação do mercado livre, melhorar os sinais de preços e dar liberdade ao consumidor para administrar seus custos com energia. E, obviamente, concluir a privatização da Eletrobrás. A ideia da liberação ampla do mercado não é nova e vem sendo defendida há muitos anos por especialistas da área. Programas dos candidatos de centro-liberal nessa eleição trazem a ideia de mais competição e liberdade para o setor. No segundo turno temos, teoricamente, duas visões opostas sobre o funcionamento da economia e do papel do Estado.

De um lado, Haddad como representante do modelo intervencionista que faliu o setor. Como o PT não é muito chegado a uma autocrítica, difícil acreditar que daí vem alguma mudança. De outro lado, Bolsonaro, tradicionalmente intervencionista, se apoiou em uma equipe com viés liberal. A julgar pela sua política de segurança, ele tem realmente a ideia de Estado mínimo: terceirizou o combate à violência aos cidadãos que devem usar armas para a própria defesa. Mas sobre economia? Uma grande incógnita. Em tese, há um grande apoio a uma desregulamentação do setor. Mas o diabo mora nos detalhes. E esses ninguém conhece.

Abandonar o modelo atual é uma transição técnica difícil, que exige uma equipe com experiência em políticas públicas e conhecimento dos detalhes da legislação setorial, particularmente complexa. A reforma demanda diálogo afinado com autoridades reguladoras, Legislativo, Judiciário e todos os agentes do setor, ainda traumatizados pela intervenção de 2012. Colocar essa agenda em prática não é simples. Mas o mercado não pode continuar sendo uma figura oculta. Em tempo: nesta data, em 1808, foi fundado o Banco do Brasil. Incrível que passados 210 anos a sua privatização ainda seja tabu.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 12/10/2018

Seção: Economia

Autor: Simone Kafruni

Título: Privatizar estatais, mas com ressalvas

A golden share, ação especial que garante poder de veto ao governo brasileiro, é a forma com a qual o candidato do PSL à Presidência da República, Jair Bolsonaro, pretende resolver qualquer dificuldade política que porventura venha a ter nas privatizações que promete fazer, caso seja eleito. Pelo menos é o que diz o plano de governo entregue pelo partido ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em discursos recentes, no entanto, Bolsonaro tem revelado um lado mais nacionalista, contrário ao programa desenvolvido pelo guru econômico Paulo Guedes.

Para o especialista em energia Rodrigo Leite, do Leite e Roston Advogados, no plano de governo, Bolsonaro é claro ao afirmar que tende a preservar a golden share. “É um mecanismo de defesa, mas é muito raro ser aplicado. Quando há transferência do público para o privado, a ação permite ao governo barganhar. O privado está na gestão do controle, mas o público pode ameaçar com a golden share”, explicou. Leite destacou, no entanto, que isso é o que está desenhado no plano, numa visão muito técnica, “evidentemente de Paulo Guedes”.

“Quando discursa, contudo, Bolsonaro mostra que é contrário a essa agenda liberal, contra a presença de estrangeiros, e apresenta seu lado nacionalista. Se está falando em voltar atrás na questão da geração, sobra muito pouco para privatizar a Eletrobras, por exemplo”, ressaltou Leite. O advogado se refere a recentes declarações de Bolsonaro, segundo as quais não pretende privatizar a

geração de energia elétrica, nem entregar o país para os chineses.

“Quando você vai privatizar, você vai privatizar para qualquer capital do mundo? A China não está comprando no Brasil, ela está comprando o Brasil. Você vai deixar o Brasil na mão do chinês?”, disse Bolsonaro. E completou: “Suponha que você tem um galinheiro no fundo da sua casa e viva dele....Quando privatiza, você não tem a garantia de comer um ovo cozido. Nós vamos deixar a energia nas mãos de terceiros?”, questionou.

Preço de combustível

No plano de governo do candidato do PSL, também está claro que a política preços da Petrobras, de paridade com o mercado internacional e variação conforme a volatilidade do câmbio, será mantida “com mecanismo de proteção (hedge)”. No entanto, Bolsonaro afirmou que o país não pode ter uma política predatória no preço do combustível “para salvar a Petrobras e matar a economia brasileira”. “Qualquer coisa no combustível reflete no preço da mercadoria que está na ponta da prateleira. Ninguém quer a Petrobras com prejuízo, mas também não pode ser uma empresa que usa do monopólio para tirar o lucro que bem entende”, disse o presidenciável.

No entender de Sandro Cabral, professor de estratégia do Insper, Bolsonaro é contraditório. “Tem muita palavra de ordem, mas é genérico. Voltou atrás na questão da Eletrobras. Há claro descompasso entre o que diz e o que diz sua equipe”, assinalou. Isso pode comprometer a agenda de privatizações que o plano de governo propõe. “Fica complicado sinalizar de forma positiva para atrair investimentos de longo prazo com essas declarações contraditórias”, afirmou.

Proteção

No Brasil, o governo tem a golden share na mineradora Vale, na indústria aeronáutica Embraer e no Instituto Brasileiro de Resseguros (IRB). Ação especial que garante direito a veto, a golden share pode ser usada para algumas decisões de governo. No caso da Vale, os direitos do detentor da ação especial são: alteração da denominação social; mudança da sede social; modificação do objeto social relativo à exploração de jazidas minerais. Qualquer alteração dos direitos atribuídos às espécies e classes das ações de emissão ou de quaisquer direitos atribuídos pelo estatuto social da Vale também estão sujeitas ao crivo do governo, assim como a liquidação da empresa, alienação ou encerramento

das atividades de uma ou mais das seguintes etapas dos sistemas integrados de exploração, jazidas, mina, ferrovias, portos e terminais marítimos da empresa.

Bolsa cai e dólar sobe

Fatores externos determinaram o movimento do mercado ontem. A volatilidade das bolsas de Nova York e dos preços do petróleo reduziram o clima de euforia na Bolsa de Valores de São Paulo (B3), que encerrou o pregão em queda de 0,91%, a 82.921 pontos. O dólar voltou a subir e atingiu R\$ 3,77, com alta de 0,21%.

Para Pablo Spyer, diretor de operações da Mirae Asset, a possibilidade de elevação dos juros nos Estados Unidos, a partir da forte expansão econômica do país, influenciam nos mercados emergentes, como o Brasil. “Com menos risco, os investidores preferem aplicar recursos nos títulos de longo prazo dos EUA, quando a taxa melhora”, explicou.

Ajuste

Para o economista da BlueMatrix, Renan Silva, o recuo da B3 já era previsto. “É natural ter um movimento de ajuste depois de momentos eufóricos como o que tivemos após o primeiro turno” disse. Ele avalia, entretanto, que o cenário externo teve peso significativo na queda da bolsa de valores. “Teve o petróleo com movimento contido nesta semana”, explicou. Ontem a commodity fechou no menor patamar em duas semanas.

Silva explica que o movimento de alta do dólar teve influência dos mesmos fatores. “Também faz parte de um ajuste do otimismo exagerado pós primeiro turno.”. Segundo ele, a valorização cambial não significa fuga de capital.

** Estagiário sob supervisão de Rozane Oliveira*

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 12/10/2018

Seção: Economia

Autor: Marília Sena

Título: Preço do etanol pula de R\$ 3,09 para R\$ 3,49

Com o preço da gasolina em alta, a demanda pelo etanol cresceu e, ao longo da semana, o valor do produto, também. O litro, que era encontrado em alguns postos do Distrito Federal a R\$ 3,09, agora, varia de R\$ 3,29 a R\$ 3,49. Pesquisa do Correio em 30 estabelecimentos mostra que a gasolina é vendida entre R\$ 4,69 e R\$ 5,01.

Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e de Lubrificantes do Distrito Federal (Sindicombustíveis DF), Paulo Tavares, as principais explicações para a alta do etanol tem base em dois fatores: a diminuição da safra de açúcar, que fez com que as distribuidoras tenham menos produtos em estoque, e o valor da gasolina, que está alto. “Desde 3 de setembro, o preço do etanol oscila. O valor cobrado nas distribuidoras passou de R\$ 1,78 para R\$ 1,92 e essa alta está sendo repassada para o consumidor”, explicou.

Segundo o gerente de um posto de combustíveis na Estrada Parque Taguatinga (EPTG), Marcelo Macedo, no posto em que trabalha, o preço do etanol subiu três vezes nesta semana. Apesar da reclamação dos clientes, ele explica: “O valor do produto fica variando na nota e eu preciso repassar, se não fico prejudicado, pois o nosso lucro é de centavos. Corremos perigo de as contas não fecharem no fim do mês”, afirmou.

A assessoria da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) afirma que “embora o etanol tenha aumentado nos postos, ainda continua muito competitivo”. Segundo o relatório semanal dos preços dos combustíveis disponibilizado pela instituição, vale mais a pena para o consumidor abastecer com etanol, quando comparamos a média dos preços da gasolina e do álcool nos postos.

De acordo com o presidente do Sindicombustíveis, o valor da gasolina está alto, mesmo com a redução de preços anunciada pela Petrobras, porque o álcool anidro, que é o ativador da gasolina, está caro. “Com o anidro em alta há alguns meses, não é possível que o dono de um posto diminua o valor do combustível, ele pode ficar muito prejudicado”, acrescentou.

** Estagiárias sob supervisão de Rozane Oliveira*

MME / ASCOM .